

Economia

► Finanças Pessoais

Investir desde cedo ajuda na educação financeira

Pais começam a aplicar em fundos de ações com o objetivo de criar reservas para os filhos e também como forma de ensiná-los a poupar

Fernando Soares

fernando.soares@jornaldocomercio.com.br

O pequeno Vicente Schutz ainda não tem a exata noção do significado do dinheiro, mas já começa a construir uma reserva financeira para o futuro. Aos dois anos de idade, ele é sócio de uma série de empresas listadas na BM&FBovespa. Isso porque seu pai, o administrador de empresas Paulo Schutz, decidiu comprar para a criança cotas de um fundo de investimento em ações. Desde que Vicente nasceu, a família faz aportes periódicos para reforçar a poupança.

Aos poucos, histórias como a da família Schutz começam a se espalhar pelo Brasil. “Nos EUA, é comum que os avós ou os pais criem uma carteira de ações para os filhos ou netos para pagar a faculdade, por exemplo. Isso recém está começando a acontecer no Brasil, em função do histórico de inflação controlada dos últimos anos, que estimula a poupar”, constata Alessandro Barreto, gestor da Geral Investimentos.

Investidor há 10 anos, Schutz não hesitou em conduzir o filho ao mercado de capitais desde cedo. Nos primeiros meses de vida de Vicente, o pai fez um aporte grande em fundo focado em papéis de companhias com possibilidade de crescimento no longo prazo.

“Decidi fazer isso para transmitir valores da gestão financeira a ele desde cedo, para que ele se apegue a isso. É muito importante ter uma reserva e saber gastar o dinheiro de forma consciente”, diz. Assim, a cada aniversário ou data festiva, os parentes começaram a ser estimulados a fazerem um depósito como presente.

Há pais que preferem expandir ainda mais o leque de investimentos dos filhos. É o caso de Celso Becker, distribuidor-contador do Tribunal de Justiça de Santa Cruz do Sul. Quando seu filho Gabriel nasceu, há oito anos, ele fez um plano de previdência privada para o primogênito. No segundo semestre do ano passado, a escolha foi por in-

vestir R\$ 100,00 mensais em um fundo de ações. Por fim, os padrinhos abriram uma caderneta de poupança no nome do garoto.

Com isso, Gabriel dá indícios de uma disciplina com as finanças precoce. “Antes, quando ele ganhava dinheiro, gastava em seguida. Então, eu disse para ele começar a guardar na poupança, para, no futuro, ter mais dinheiro. Agora, ele está entendendo isso e começou a poupar mais”, comemora o pai.

O sócio-diretor da Fundamenta Investimentos, Valter Bianchi Filho, vê, atualmente, a renda variável como a melhor opção para quem deseja criar uma poupança em uma janela de 15 a 20 anos. “Com a queda nas taxas de juros, a opção mais óbvia é botar a maior parte do capital em renda variável, com o pai e os familiares fazendo aportes periódicos. As estatísticas mostram que o investimento em bolsa bem feito é imbatível em longo prazo”, defende.

De olho nesse nicho, algumas empresas administradoras



Schutz optou por cotas de fundo de investimentos para o filho Vicente

de recursos procuram estimular os pais a investirem em nome dos filhos pequenos. “Procuramos expor aos nossos clientes que eles têm essa opção. O tempo é um grande aliado em investimentos de renda variável”, constata Bianchi Filho.

Para que a criança tenha seu nome incluso em um fundo de investimentos é preciso ter uma conta bancária, que pode ser aberta mediante a criação do CPF. “Apenas quando o filho completar 18 anos, o pai pode liberar a titularidade da conta”, ressalta o gestor da Fundamenta.

A conjuntura econômica de momento deve sempre ser analisada ao longo do processo de administração da carteira. Barreto,

da Geral Investimentos, lembra uma velha receita, aplicável para investidores de todas as faixas etárias. “Não existe fórmula exata de posicionamento, mas é preciso diversificar. O que vai dizer o quanto aplicar mais ou menos em um ativo ou outro é o perfil do investidor, se é moderado ou agressivo”, sinaliza.

Para Barreto, com o cenário atual de queda de juros, inflação pressionada e maior expectativa de vida dos brasileiros, o ideal é sair da “zona de conforto”. “A garantia de rentabilidade alta na renda fixa não existe mais. Agora, é preciso olhar para os lados e analisar opções, como investimento em ações e fundos imobiliários”, acredita.

► Trabalho

Empresas têm o desafio de conciliar diferentes gerações no mesmo ambiente corporativo

Conviver com três diferentes gerações no mesmo local de trabalho é um dos principais desafios que as empresas, de variados portes, estão enfrentando atualmente. Conciliar as características de baby boomers (nas-

cidos entre 1945 e 1965), geração X (nascidos entre 1965 e 1977) e geração Y (nascidos entre 1977 e 2000) pode ser uma tarefa difícil em um primeiro momento. No entanto, quando a mescla é benfeita, os resultados tendem a

ser bastante positivos.

Mesmo assim, a integração entre profissionais de diferentes idades e, conseqüentemente, hábitos distintos, ainda engatinha no Brasil. “Essa mistura de gerações ainda não está amadurecida plenamente nas empresas. Ainda há conflitos”, constata Orian Kubaski, vice-presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos seccional Rio Grande do Sul (ABRH-RS). O dirigente, porém, acredita que setores mais tradicionais da economia, como o financeiro e o varejo, estão conseguindo lidar melhor com o mix de gerações.

Kubaski ressalta que o mercado de trabalho vive uma situação atípica, com a entrada em massa da geração Y. “Os conflitos de gerações não são algo novo, mas nunca ocorreram na velocidade atual. Antigamente, os ritos de passagem nas empresas levavam mais tempo para acontecerem”, diz. Neste senti-

do, o especialista lembra que essa situação ocorre porque os jovens já nasceram na era da tecnologia, tendo como principais características a agilidade e a criatividade.

De quebra, o perfil da geração Y traz alguns desafios à parte para as companhias. “Muitas empresas têm problemas de retenção de profissionais da geração Y. Eles vivem em um mundo de oportunidades, não têm medo de perder o emprego e estão sempre atrás de desafios. Além disso, qualquer coisa os deixa insatisfeitos”, analisa Kubaski. Para ele, as diferentes gerações não excluem, mas se complementam. Isso porque a experiência das gerações anteriores é uma virtude importante.

O gerente de recursos humanos da Bosch, Gustavo Cicilini, ressalta que é justificável que as mudanças das relações no mercado de trabalho em função das faixas etárias ain-

da estejam sendo maturadas pelas companhias. “No início, toda mudança gera instabilidade. Existe uma resistência dos gestores mais antigos e também dos profissionais mais novos. Mas, depois, se atinge um equilíbrio. Os experientes aprendem com os traços dos mais novos e, esses, absorvem a experiência dos outros colegas”, constata.

Segundo Cicilini, a Bosch procura se beneficiar das características das três gerações em sua atividade. Para ele, os baby boomers são importantes pelo conhecimento técnico, a geração X por possuir uma visão processual apurada, e a geração Y por trazer ideias inovadoras. “Para que essa mescla dê certo, é importante que todos estejam de acordo com os valores da empresa. Por isso, mudamos os processos seletivos, trazendo novas técnicas, dinâmicas e até jogos direcionados aos princípios que temos”, menciona.

Aos anunciantes e agências de publicidade

Alteração de horário de fechamento

Face ao feriado de **Natal**, em 25 de dezembro, a edição do dia 25 será conjunta com a do dia 24 de dezembro, com o fechamento comercial às 17h do dia 21 de dezembro.

A edição do dia 26 de dezembro circulará normalmente, com o fechamento comercial às 17h do dia 24 de dezembro.